

Maria Aparecida Cruz de Oliveira<sup>1</sup> 

*Universidade de Brasília*

*maricruzdeoliveira@gmail.com*

## **“Literatura afro-brasileira” ou apenas “literatura”?** **Problematizando a presença de adjetivos**

### **Resumo:**

As denominações “periferia”, “marginal” e “negro”, palavras ligadas ao imaginário de segregação e preconceito, passam por uma inversão de estigma, fazendo com que termos injuriosos apreendam afirmações positivas. A sujeição estratégica aos termos tem um carácter de subjetivação, a composição de identidades coletivas. Os adjetivos marcam um coletivo positivamente ao acompanhar a palavra literatura para representar a escrita de escritores da nossa periferia urbana e escritores negros brasileiros, da periferia ou não.

Penna (2015) concorda que não há homogeneidade nos nomes nem nas experiências que eles descrevem, o que há é divergências e diferenças. Um exemplo são as várias nomenclaturas dadas pela crítica para as escrituras de autoria negra. Existem muitos registros de nomenclaturas e alguns divergem por detalhes ou posturas ideológicas, no entanto, elas só acrescentam à discussão acerca da autoria negra. São nomenclaturas como “literatura afro-brasileira”, defendida por Eduardo de Assis Duarte (2011), Florentina de Souza e Maria Nazaré Lima (2006) e Luiza Lobo (2007, p. 331); “literatura negro-brasileira” proposta por Cuti (2010), “literatura negra” utilizada por Octávio Ianni (2011) e Zilá Bernd (1988) etc. Sem desconsiderar essa diversidade, mas considerando a importância dela para o debate da literatura de autoria negra apresentarei a visão de alguns escritores sobre os motivos que os levaram a adotar um adjetivo para identificar

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB.

suas produções literárias. A intenção não é discutir qual o termo mais adequado – embora tenha optado neste trabalho por chamar a literatura produzida por escritores(as) negros(as) de afro-brasileira – mas mostrar porque alguns escritores escolheram usar alguns desses adjetivos ao invés de apenas o substantivo literatura ou a expressão literatura brasileira, e da necessidade desses escritores se autoneomarem ou filiarem suas produções a um desses adjetivos.

**Palavras-chave:** literatura de autoria negra, literatura brasileira, literatura afro-brasileira, autoneomação, nomenclaturas

**Abstract:**

**“Afro-Brazilian Literature” or Just “Literature”? Problematizing the Presence of Adjectives**

The terms “periphery”, “marginal” and “black”, words linked to the imaginary of segregation and prejudice, undergo a reversal of stigma, causing abusive terms to grasp positive affirmations. Strategic subjection to terms has a character of subjectivation, the composition of collective identities. Adjectives mark a collective positively by following the word literature to represent the writing of writers from our urban periphery and black Brazilian writers, from the periphery or not. Penna (2015) agrees that there is no homogeneity in the names or experiences they describe, what there are differences. An example is the various nomenclatures given by the critics for the writings of black authorship. There are many records of nomenclatures and some diverge by details or ideological stances, however, they only add to the discussion about black authorship. They are nomenclatures as “Afro-Brazilian literature”, defended by Eduardo de Assis Duarte (2011), Florentina de Souza and Maria Nazaré Lima (2006) and Luiza Lobo (2007, p. 331); “Black-Brazilian literature” proposed by Cuti (2010), “black literature” used by Octávio Ianni (2011) and Zilá Bernd (1988). Without disregarding this diversity, but considering its importance for the debate of the literature of black authorship, I will present the view of some writers on the reasons that led them to adopt an adjective to identify their literary productions. The intention is not to discuss the most appropriate term - although I have chosen in this work to call the literature produced by Afro-Brazilian black writers - but to show why some writers chose to use some of these adjectives rather than just the substantive literature or the expression Brazilian literature, and the need of these writers to authenticate themselves or affiliate their productions to one of these adjectives.

**Keywords:** black authorship literature, brazilian literature, Afro-Brazilian Literature, self-referral, nomenclatures

É uma recorrência nas discussões acerca da autoria negra a apresentação de ausências, mas para falar sobre elas, mencionarei algumas presenças. As denominações “periferia”, “marginal” e “negro”, palavras ligadas ao imaginário de segregação e preconceito, passam por uma inversão de estigma, fazendo com que termos injuriosos apreendam afirmações positivas. A sujeição estratégica aos termos tem um caráter de subjetivação, a composição de identidades coletivas. Os adjetivos marcam um coletivo positivamente ao acompanhar a palavra “literatura” para representar a escrita de escritores da nossa periferia urbana e escritores negros brasileiros, da periferia ou não, conforme explica João Camillo Penna (2015), quando diz que

um termo injurioso constitui uma sociabilidade negativa; este mesmo termo pode, no entanto, ser abraçado, saudado, afirmado, e utilizado estrategicamente para nomear um coletivo ativo e ativista, militante. O termo é mobilizado pela afirmação localizada, apropria-se de sua herança negativa, inverte o estigma (Penna, 2015: 14).

Penna (2015) concorda que não há homogeneidade nos nomes nem nas experiências que eles descrevem, o que há são divergências e diferenças. Um exemplo são as várias nomenclaturas dadas pela crítica para as escrituras de autoria negra. Existem muitos registros de nomenclaturas e alguns divergem por detalhes ou posturas ideológicas; no entanto, elas só acrescentam à discussão acerca da autoria negra. São nomenclaturas como “literatura afro-brasileira<sup>2</sup>”, defendida por Eduardo de Assis Duarte (2011), Maria Nazareth Soares Fonseca (2006) e Luiza Lobo (2007 [1993]: 331); “literatura negro-brasileira<sup>3</sup>”,

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, a expressão literatura “afro-brasileira” parece seguir uma tendência que se fortalece com o advento dos estudos culturais. O uso de expressões como “afro-brasileiro” e “afrodescendente” procura diluir o essencialismo contido na expressão “literatura negra” e transpor a dificuldade de se caracterizar essa literatura sem assumir as complexas discussões suscitadas pelo movimento da em outro momento histórico (Fonseca, 2006: 38).

<sup>3</sup> Para Cuti, o termo “afro-brasileiro” é menos engajado, contém uma ideia de inclusão que fragiliza a identidade textual e é ideologicamente inadequado. “Parece uma questão de tom, mas não é apenas isso. A palavra ‘negro’ é muito

proposta por Cuti (2010), “literatura negra”<sup>4</sup>, utilizada por Octávio Ianni (2011) e Zilá Bernd (1988), entre outros. Considerando a importância dessa diversidade para o debate da literatura de autoria negra, apresento a visão de alguns escritores sobre os motivos que os levaram a adotar um adjetivo para identificar suas produções literárias. A intenção não é discutir qual o termo mais adequado – embora tenha optado neste trabalho por chamar a literatura produzida por escritores(as) negros(as) de afro-brasileira – mas mostrar porque alguns escritores escolheram usar alguns desses adjetivos ao invés de apenas o substantivo literatura, e da necessidade desses escritores se autoneomarem ou filiarem suas produções a um desses adjetivos.

Na visão de Oswaldo de Camargo (2015), a literatura de autoria negra deve ser chamada de “literatura negra” e compreendida como aquela que é produzida pelo negro, em que ele fala de suas experiências particulares como negro, não necessariamente a experiência de exclusão, mas todas as suas possibilidades. No entanto, a preocupação do artista não cessa na temática do sujeito negro, há também a preocupação de causar o “efeito” “artístico, histórico, em todos os aspectos. Fazer com que se torne um texto convincentemente literário e belo. Sem convencimento literário e beleza é descartável” (Camargo em entrevista a Medeiros, 2015: 73).

---

mais polissêmica e contundente. ‘Afro-brasileiro’ é um termo apaziguado de conflitos, lembra conceito forjado em gabinete. Muito menos rico que aquele” (Cuti, 2011: 60). O sentido de amplitude que a expressão “afro-brasileira” possa ter é caracterizado pela conotação dissolvente da identidade negra (Cuti, 2011: 62). Portanto, o autor entende que o adjetivo “negro” resguarda a noção de ser negro.

<sup>4</sup>“A literatura negra é aquela desenvolvida por um autor negro... que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir como negro” (Ianni, 2011: 185); “Nesse sentido é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que se quer negro. Assumir a condição negra e anunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos” (Bernd, 1988: 22).

Essa afirmação de Oswaldo de Camargo é importante sobretudo para desqualificar declarações como a de Leyla Perrone-Moisés, a qual considera que textos com valor político não podem ser considerados literatura, fariam parte de uma atitude ética, mas não estética. E a nomeação de literário não pode vir apenas porque esses textos provêm de discursos raciais, de classe e gênero:

Considerar um texto como ‘literatura’ porque ele tem um valor político é uma atitude ética, mas não estética. Valorizar um texto porque provém de um país emergente, de uma comunidade racial, social ou sexual é o mesmo que valorizá-lo (ou condená-lo) em função de uma ideologia ou de uma religião. Ora, quaisquer que sejam sua proveniência e sua temática, um texto merece o qualitativo de literário pela força de sua linguagem, pela capacidade de dizer as coisas de maneira antes insuspeitada, numa forma que, ao ser lida, nos surpreende por sua exatidão, nos emociona por dizer algo ao mundo ou de nós mesmos em que não tínhamos pensado ou não conseguíamos expressar tão bem (Perrone-Moisés, 2016: 265).

Contrariando Perrone-Moisés, apresentarei autores que trazem questões políticas e se destacam também pelo uso da linguagem. Diferenciam-se no modo como o negro e a mulher são representados. É essa diferença no modo de representar o outro que não encontramos nos textos que Leyla Perrone-Moisés costuma chamar de literários. Além disso, são textos que trazem os elementos que para ela fazem parte da legitimação do literário: capacidade de emocionar por dizer algo ao mundo, algo que não conseguíamos expressar. Então, quem melhor representa a experiência de ser negro na sociedade brasileira? O próprio negro. E quem até agora não tem tido êxito em suas tentativas de representar o negro na literatura brasileira? Homens brancos de classe média ou ricos.

Mas voltemos para a questão da nomenclatura. Em um ponto, Márcio Barbosa, organizador dos *Cadernos Negros* e escritor, pensa diferente de Oswaldo Camargo; ele prefere o termo “afro-brasileiro”:

Prefiro o termo afro-brasileiro. Outros acham que não, que tem que ser Literatura Negra. E é salutar, porque já é uma coisa que está em processo,

que vai ser discutido. Mas acho que uma das coisas que a gente sempre teve muito bem explícito é que, realmente, a Literatura Negra tem que refletir a vida do nosso corpo, a vivência do povo negro. Isso eu acho que é consenso (Barbosa, 2015: 74).

Para Márcio Barbosa, o “afro” é um termo mais amplo que o “negro”: “Eu acho que ele remete à África, remete aos ancestrais, remete à cultura de matriz africana, enquanto o negro é um termo mais biológico” (Barbosa, 2015: 74). Na perspectiva do escritor, o “afro” é um termo que foi apropriado pelo movimento negro norte-americano, é um conceito mais político do que biológico: “tem mais a ver a transcendência, é uma questão ontológica mesmo”, por ser um termo de conhecimento e de transcendentalidade, remete a pertencimento a um grupo, a questão histórica, situa nossas raízes.

Seja a escolha pela nomenclatura “literatura negra”, como preferiu Oswaldo Camargo ou literatura “afro-brasileira” como fez Márcio Barbosa, o que interessa é que houve uma escolha, e ela foi feita pelos próprios autores negros, porque “definir-se é um *status* importante de fortalecimento e demarca possibilidades de transcendência de norma colonizadora” (Hooks, 1995, p. 44) e também “quando as coisas ganham um nome, elas também ganham uma forma vital” (Gonçalves, 2013 [2006]: 620). Independente da escolha da nomenclatura, “literatura negra” ou “afro-brasileira”, esses autores estão se identificando como pertencentes a um grupo de escritores que possuem um projeto literário comum, e diferente da escrita dos brancos. Como diz o escritor e ativista Nelson Maca:

Tudo o que eu faço é literatura negra, é aula negra, minha poesia é negra. Eu quero estar nesse rótulo, eu quero estar junto com o Éle Semog, com o Cuti, com essa galera... Por que não tem literatura branca? Porque toda literatura é branca, ela não precisa se autodenominar. A gente sabe que não precisa falar de literatura branca, é só ver pela universidade, é só ir na Bienal do Livro, naqueles bate-papos que estão lotados (Maca, em entrevista à Peçanha, 2015: 168-169).

A revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* (2017) publicou uma série de entrevistas com escritoras e escritores negros; e entre eles, as escritoras Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral, Dinha, Mel Adún, Lívia Natália e Mirian Alves. Todas as entrevistadas responderam às mesmas questões. Elas foram perguntadas se acham importante se dizerem autoras negras dentro do campo literário brasileiro e se esse rótulo demarca ou aprisiona suas trajetórias. Apresentarei as respostas dessas escritoras para continuar discutindo a importância dessa nomeação, da autonegação, da necessidade de localizar essas produções.

Para Ana Maria Gonçalves, o fazer literário é influenciado pela localização do escritor, por exemplo, a sua escrita está vinculada a duas identidades – mulher e negra – “é a partir desses dois lugares que experimento o mundo, e é também neles que busco as histórias que me interessa contar, esperando que não sejam lugares limitadores, mas de inclusão e colaboração com o projeto de narrativa da experiência humana” (2017: 249). Portanto, Ana Maria Gonçalves assume a importância de a artista negra localizar sua obra, mulher e negra.

Cristiane Sobral assume essa autonegação pela necessidade de marcar uma identidade e por acreditar que ela dá visibilidade às suas produções: “em um país racista, quem não se afirma não existe, o rótulo dá visibilidade” (2017: 254). E para a escritora, não é apenas importante assumir ser uma escritora negra, mas também afirmar a literatura afro-brasileira. Assim,

a literatura afro-brasileira precisa ser afirmada, porque, na literatura brasileira, as personagens negras e os temas apresentados raramente revelam a subjetividade, a complexidade, os conflitos além dos estereótipos do escravismo. Temos muitas histórias para contar (Sobral, 2017: 254).

Dinha (pseudônimo de Maria Nilda de Carvalho Mota) posiciona-se para defender que embora o rótulo pareça aprisionar a sua escrita, o que interessa é que ele demarca e localiza a sua produção. Para ela, toda nomeação é rótulo, portanto o importante de cada rótulo é representar bem determinado grupo:

Acho extremamente importante me autoafirmar negra e periférica. O rótulo demarca – e acho isso importante. Quanto a aprisionar. Até pode ser, mas já disse em outros momentos: se o meu rótulo é feminino, negro e periférico (pobre), o de Monteiro Lobato, por exemplo, é branco, masculino, classe média/rica, heterossexual e “normal/universal/clássico”. Obrigada. Prefiro os meus. Não ligo a mínima se me enquadrarem aqui ou ali, desde que esses lugares representem os valores da minha classe, da luta contra a sociedade de classes (Dinha, 2017: 264).

Para Mel Adún, o rótulo não é um problema, porque ser chamada de escritora negra não é um modo de aprisionar sua escrita, ao contrário, liberta-a “de ter que pisar em ovos ao mesmo tempo que me desafia no exercício da escrita. O que nos aprisiona, nos torna invisível e nos mata, é o racismo” (2017: 288). Então o rótulo acaba servindo como um instrumento de combate ao que de fato aprisiona a escrita dos negros, o racismo. Assim como Cristiane Sobral, Mel Adún vê nos rótulos uma estratégia de resistência e não uma prisão, como Perrone-Moisés acredita (2016: 265).

A escritora baiana Livia Natália manifesta sua perspectiva política ao assumir que “ser uma autora negra demarca de onde eu falo, porque eu posso ser uma escritora simplesmente, sem me comprometer de maneira nenhuma com todas as questões raciais, mas essa não sou eu” (2017: 281). A autora entende que pode falar de outros assuntos que não sejam as questões raciais, mas continuará sendo escritora negra porque a sua visão sobre o mundo vai partir de sua condição racial, da sua posição de mulher negra: “mesmo que eu não esteja falando diretamente... sobre as questões relativas ao racismo, de alguma maneira, meu texto é um texto racialmente marcado pelo lugar de fala” (2017: 282), um texto que evidencia uma localização. É a experiência de mulher negra que vai aparecer, independente do assunto abordado.

Já Mirian Alves (2017: 290), considera importante ser chamada de escritora negra, não entende que essa nomenclatura seja configurada como um rótulo aprisionador, e sim uma atitude política que liberta o escritor e os leitores. E vai além, ao dizer que se afirmar escritora

negra é reconhecer o movimento literário que surgiu em 1978, com a publicação do primeiro *Cadernos Negros* em São Paulo, que

foi um marco para questionar a literatura brasileira como um lugar da hegemonia branca do saber e de ideias que privilegia a produção do escritor branco, de classe média alta, heteronormativo e com grande influência do pensamento eurocêntrico, se autorreferenciando como universal. A literatura negra, numa manifestação coletiva, surge da necessidade de escritores negros e escritoras negras serem autores e sujeitos da história. História nos dois sentidos, no sentido do ficcional, poético, literário, e no sentido de fazer história mesmo. Então, não é um rótulo e não aprisiona: liberta. Liberta não só eu que escrevo, mas também os leitores negros e brancos (Alves, 2017: 290).

A posição das escritoras negras em relação aos rótulos da produção dos(as) escritores (as) negros(as) aparece também como ponto de discussão em depoimentos concedidos ao pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2011d) em *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Conceição Evaristo, por exemplo, se posiciona como escritora negra e favorável a uma nomenclatura para as escrituras de autoria negra. Para a autora, sua criação literária é alicerçada na perspectiva da experiência, o que aponta a existência de não apenas uma dinâmica e estilo, mas uma variação de escrita por sua condição de gênero e raça. Isso torna ainda mais complexa a nomeação dessa literatura e aponta a necessidade de critérios pluralistas para a configuração da literatura brasileira:

Eu sou uma escritora brasileira, mas não somente. A minha condição de brasileira agrega outras identidades que me diferenciam: a da mulher, a de negra, a de oriunda de classes populares e outras ainda, condições que marcam, que orientam a minha escrita, consciente e inconscientemente. Nesse sentido, não tenho receio algum em não só afirmar a existência de uma literatura afro-brasileira, como ainda me encaixar no grupo de autoras/es que criam um texto afro-brasileiro. E ainda asseguro a existência de um texto feminino negro, ou afro-brasileiro, como queiram. O meu texto

se apresenta sob a perspectiva, sob o ponto de vista de uma mulher negra inserida na sociedade brasileira (Evaristo, 2011b: 114).

Para Evaristo, o pertencimento étnico é um elemento constitutivo do discurso literário afro-brasileiro e a autoria é um elemento vital na constituição de uma literatura afro-brasileira. A autoria para a autora traz “reflexões diante da afirmativa de que a literatura afro-brasileira se constitui a partir do ponto de vista, da perspectiva do texto” (Evaristo, 2011: 114). Essa perspectiva e ponto de vista do texto é dado por um (a) autor (a): “quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina” (Evaristo, 2011: 115).

Assim, essa autoria negra se fundamenta a partir da relevância empregada à “interação entre escritura e experiência, que inúmeros escritores fazem questão de destacar, seja enquanto compromisso identitário e comunitário, seja no tocante à sua própria formação de artista da palavra” (Duarte, 2017: 202). Essa percepção é chamada por Conceição Evaristo de “escrevivência”. Como já mencionado, a autora assume que sua escrita está relacionada à sua condição de mulher negra, ou seja, a escrita do autor (a) negro (a) é marcada pela sua percepção de mundo, pela sua experiência, e essa experiência é dada pela condição de gênero, raça e classe:

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres!... creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro (Evaristo, 2007: 19).

A visão dessas escritoras negras deixa clara a necessidade de autonomia, de localizar suas produções para que elas tenham visibilidade. A fala de Cristiane Sobral foi incisiva para resumir o que elas pensam: “quem não se afirma não existe, o rótulo dá visibilidade” (2017: 254).

Embora não pense especificamente na autoria feminina, mas de modo geral nos estereótipos lançados a mulheres afro-americanas, são importantes para reforçar essa reflexão, as considerações de Collins (2016), pois ela entende que a autodefinição é uma forma de valorizar a consciência e o ponto de vista das mulheres negras. Além disso, evita a objetificação e desumanização. Isso inclui o trabalho e a arte das mulheres negras, a partir de pressupostos do pensamento branco e masculino:

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O *status* de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (Hill Collins, 2016: 105).

No entanto, essa compreensão não é unanimidade entre os escritores negros. Há os que recusam o que entendem como um rótulo, como Paulo Lins: “não é (literatura negra)! É Literatura. Não gosto (desse rótulo). É Literatura. Ponto.” (Lins, 2015: 71). A afirmativa de Paulo Lins parece desconsiderar as possibilidades de sentidos e especificidades dessas escrituras que o “conjunto maior da literatura brasileira

não consegue absorver, e que permanece sob a forma de resto não absorvível, mas aparentemente ameaçador à unidade do conjunto” (Penna, 2015: 15). Ele acaba fechando as possibilidades de discursos em torno da ideia de a literatura brasileira ser fraturada, como defende Edmilson de Almeida Pereira (1995). Além disso, a negação de um projeto paralelo aos textos de autoria negra não garante uma inclusão ao sistema literário brasileiro.

A invisibilidade dos escritores negros na historiografia literária se estende ao imaginário em que ao negro não é permitida a escrita, a arte literária não é o lugar para ele se expressar, e quando o faz terá a desconfiança do leitor, do crítico mais tradicional e do mercado literário. O relato de experiência da escritora Esmeralda Ribeiro atesta a desconfiança do leitor: “você mesma que escreveu? Você mesmo?”. Eu acho que é o lugar do negro” (Ribeiro, 2015: 69). Por saber dessa desconfiança, desconsiderar uma nomenclatura para as escrituras de autoria negra é negar a invisibilidade desses textos na história da literatura e gerar uma tensão política e ideológica graças a essa “imunização” do sistema literário às minorias. Nomear com adjetivos que representam uma coletividade de excluídos é um modo de combater a privatização da literatura e da cultura. Se os projetos desses autores são diferentes, por que um adjetivo não pode vir acompanhado do substantivo literatura? A nomenclatura demarca um posicionamento, o lugar de onde parte o discurso, quem o cria e seus interesses com determinadas representações. E, como diz a escritora Elizandra Souza, não se trata de rotular, mas nomear para impedir de ser nomeado pelo outro:

É mais um movimento de afirmação do que rótulo, só (o) rótulo. Porque se a gente não se rotular, alguém vai rotular. E aí, quando a gente se propõe a dizer: “eu sou literatura marginal”, “sou literatura periférica”, ‘sou literatura negra’, então a pessoa vai ter que arrumar outro argumento. Se é que eu preciso definir a minha literatura, ela é tudo (isso), é complexa (Souza, em entrevista a Peçanha, 2015: 163).

A postura de Paulo Lins, ao negar o adjetivo “negra” para a literatura de autoria negra, está relacionada com a ideia conservadora de

literatura que ele deixa escapar na seguinte afirmativa: “eu lia literatura. Gostava dos clássicos. Eu gostava de literatura mesmo, da Alta Literatura, do que se pode chamar de Alta Literatura. Só gostava dos clássicos. Não lia nenhum contemporâneo meu” (Lins, em entrevista à Medeiros, 2015: 51). Anteriormente vimos que o escritor nega o adjetivo “negra” para acompanhar a palavra “literatura”, mas agora, referindo-se à literatura canônica, usa tranquilamente o adjetivo “alta”. Percebe-se aí um descompasso em suas conclusões, pois a literatura canônica é mencionada por ele com o predicativo “alta”, o que reforça a identidade de boa literatura, mas, para a literatura de autoria negra, a autodenominação a fim de garantir a valorização de escritas específicas é negada. Na afirmação de Paulo Lins transparece a ideia de que ao possuir uma referência do centro, o autor ganha confiabilidade da crítica para seus textos. Uma estratégia ou visão que é recusada pela maioria dos escritores negros contemporâneos, que fazem questão de evidenciar que estão falando de um lugar próprio com referências na periferia do conhecimento, conhecimento sem grandes reconhecimentos, mas não menor. Cito o depoimento da escritora Elizandra Souza, como exemplo dessa referência:

As minhas influências literárias vão de clássicos à literatura popular. Atualmente, estou muito apaixonada pela Alice Walker. Gosto muito da Elisa Lucinda, até no jeito de declamar, que é muito forte. Gosto muito de Cuti ... Rodrigo Ceriaco, eu gosto muito dos contos. O Allan da Rosa (...) Eu gosto de todos os tipos de literatura, gosto muito de ler biografias, gosto dos clássicos, mas tenho preferência por livros de autores negros (Souza, em entrevista a Peçanha, 2015: 162).

Elizandra Souza não quer deixar dúvidas do valor político e estético de suas obras: “Mas não é achar que, porque eu sou pobre, eu tenho que ter um texto pobre, eu tenho que ter uma arte pobre” (Souza, em entrevista a Peçanha, 2015: 163). A autora tem sim muitas leituras, tanto de textos canônicos quanto de textos considerados periféricos, mas a referência que ela escolhe para pensar a criação da sua obra são as literaturas periféricas, em que o negro aparece não só como tema, mas também como sujeito de criação e de recepção. Assim ela nega a falta

de complexidade estética dos textos de autoria negra, o que o olhar estético tradicional de Paulo Lins (considerando o depoimento citado anteriormente e não os seus textos literários) não consegue defender, ao contrário, a postura é permissiva para que o espaço de margens seja reforçado junto com a ideia de que seus textos são margem.

### Referências bibliográficas

- ADÚN, M. (2017), Entrevista em: “Minha escrita começa sempre do nós”: entrevista com Mel Adún, *Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 286-288, maio/ago, <https://www.doi.org/10.1590/2316-40185120>.
- ALVES, M. (2017), Entrevista em: “Escrevo porque não dá para não escrever”: entrevista com Miriam Alves, *Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 289-294, maio/ago, <https://www.doi.org/10.1590/2316-40185121>.
- BARBOSA, M. (2015), “Depoimento” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 73-76.
- BERND, Z. (1988), *Introdução à literatura negra*, Brasiliense, São Paulo.
- CAMARGO, O. de (2015), *Raiz de um negro brasileiro – Esboço autobiográfico*, Ciclo Contínuo, São Paulo.
- CAMARGO, O. de (2015). “Depoimento” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 71-73.
- CUTI (2010), *Literatura negro-brasileira*, Selo Negro Edições, São Paulo.
- DINHA (2017), Entrevista em: “Escrevo para que meu povo não morra mais nas mãos da polícia”: entrevista com Dinha, *Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 263-270, maio/ago, <https://www.doi.org/10.1590/2316-40185116>.

- DUARTE, E. de ASSIS (2017), “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção” em: Dalcastagnè, R., Eble, L. J. (orgs.), *Literatura e Exclusão*, Zouk, Porto Alegre.
- DUARTE, E. de ASSIS (2011a), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, vol. 1 (*Precursores*), Editora UFMG, Belo Horizonte.
- DUARTE, E. de ASSIS (2011b), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, vol. 2 (*Consolidação*), Editora UFMG, Belo Horizonte.
- DUARTE, E. de ASSIS (2011c), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, vol. 3 (*Contemporaneidade*), Editora UFMG, Belo Horizonte.
- DUARTE, E. de ASSIS, FONSECA, M. N. S. (2011d), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, vol. 4 (*História, teoria e polêmica*), Editora UFMG, Belo Horizonte.
- EVARISTO, C. (2011), “Depoimento” em: Duarte, E. de Assis, Fonesca, M. N. S., *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v. 4 (*História, teoria e polêmica*), Editora UFMG, Belo Horizonte, pp. 103-116.
- EVARISTO, C. (2007), “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita” em: Alexandr, M. A. (org.), *Representações Performativas brasileiras: teorias, práticas e interfaces*, Mazza Edições, Belo Horizonte.
- FONSECA, M. N. S. (2006), “Literatura Negra Literatura Afro-brasileira: como responder à polêmica?” em: Souza, F., Lima, M. N. (orgs.). *Literatura afro-brasileira*, Centro de Estudos Afro-Orientais, Salvador / Fundação Cultural Palmares, Brasília.
- GONÇALVES, A. M. (2017), Entrevista em: “A literatura é o lugar das possibilidades”: entrevista com Ana Maria Gonçalves. *Graziele Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 249-253, maio/ago, <https://www.doi.org/10.1590/2316-40185113>.
- HILL COLLINS, P. (2016), “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”, Castro Galvão, J. de (trad.), *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), pp. 99-127, <https://www.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>.

- HOOKS, B. (1995), “Intelectuais negra”, *Revista Estudos Feministas*, 3(2), p. 464-478.
- IANNI, O. (2011), “Literatura e consciência” em: Duarte, E. de Assis, Fonseca, M. N. S., *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, vol. 4 (*História, teoria e polêmica*), Editora UFMG, Belo Horizonte.
- LINS, P. (2015), “Depoimento” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 70-71.
- LOBO, L. L. B. (2007), *Crítica sem juízo*, 2 ed., Garamond, Rio de Janeiro.
- MACA, N. (2015), “Depoimento” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 163-169.
- MEDEIROS, M. (2015), “Sistema literário e ativismo político e cultural” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 35-126.
- NATÁLIA, L. (2017), Entrevista em: “Eu sou uma mulher negra escrevendo”: entrevista com Lívia Natália, *Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 281-285, maio/ago, <https://www.doi.org/10.1590/2316-40185119>.
- PENNA, J. C. (2015), “Margem entevista” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 13-19.
- PEREIRA, E. de Almeida (1995), *Panorama da literatura afro-brasileira*, [on-line] <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf> - 29.08.2015.
- PERRONE-MOISÉS, L. (2016), *Mutações na literatura no século XXI*, Companhia das Letras, São Paulo.
- RIBEIRO, E. (2015), “Depoimento” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 67-69.
- SOBRAL, C. (2017), Entrevista em: “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral, *Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 254-258, maio/ago, <https://www.doi.org/10.1590/2316-40185114>.

---

SOUZA, E. (2015), “Depoimento” em: Peçanha, É., Hapke, I., Tennina, L., Medeiros, M., (orgs.), *Polifonias Marginais*, Aeroplano, Rio de Janeiro, pp. 161-163.